

A DÚVIDA

The doubt

MIGUEL MIRANDA

mikmiranda@gmail.com

Associação Portuguesa de Escritores e do PEN Clube Português

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-5_11

Recebido em setembro de 2018

Aprovado em janeiro de 2019

Biblos. Número 5, 2019 • 3.^a Série

pp. 255-258

– Os documentos, por favor.

A mulher loira de rosto oval depositou o passaporte no balcão. O guarda de fronteira examinou-a com minúcia profissional. Tinha olhos sofridos e um sorriso cansado da viagem ou da vida. Uma pessoa frágil, quase a quebrar. Perguntou-lhe:

– Viagem de negócios ou de férias?

Ela entristeceu um sorriso.

– Nem uma coisa, nem outra. Venho visitar um familiar muito doente.

O guarda de fronteira era um duro. Um bloco de gelo fardado. Dramas pessoais não o impressionavam, sabia-os quase sempre falsos, meros expedientes para lhe iludir a vigilância. Mas qualquer coisa nesta mulher, os olhos, o ângulo do pescoço, o tremor da voz, lhe dava crédito às palavras. Murmurou, de voz embargada:

– Lamento. Se eu puder ajudar...

Ela agradeceu com os olhos.

– Obrigado. Na verdade, nada pode fazer.

O tom de voz dela tinha laivos de desespero. Uma estúpida emoção pesou-lhe no peito. Abreviou as formalidades, era a única coisa que poderia fazer para ajudar. Ela percebeu-lhe a intenção e sorriu-lhe de novo com os olhos. Mais com os olhos que com os lábios, o que lhe dava uma expressão apaziguada. Um lampejo de felicidade no meio de uma profunda tristeza. O guarda de fronteira cedeu-lhe passagem:

– Pode seguir. Que tudo corra bem.

– Obrigado.

Tentou engolir o nó de garganta que, teimoso, se recusava a descer. Viu pelo canto do olho a mulher desaparecer no meio da multidão. Não conseguia esquecer-lhe a expressão do rosto e os olhos. Sobretudo os olhos.

O homem que se apresentava agora era adunco e sinistro. Inquiriu-o em voz agreste:

– Em que se ocupa?

– Sou operador de drone.

– Tem de ser mais preciso.

– Não há outra forma de descrever. Sou operador de drone.

O guarda de fronteira comparou a fotografia com o rosto do homem. A semelhança era demasiado óbvia e suspeitosa. Ninguém é igual a uma fotografia, o excesso de similitude tresandava a falsidade. Mandou-o avançar, premir os dedos no sistema de identificação das impressões digitais e focar os olhos no identificador da íris e retina.

O resultado chegou em segundos. O homem não fazia parte de qualquer lista negra de procurados pela justiça ou de potenciais terroristas. Contrafeito, tentou encontrar-lhe algum motivo para o reter:

- Qual o motivo da sua viagem?
- Vou operar um drone.

O viajante não lhe inspirava confiança. As suas palavras eram insólitas, tudo nele era estranho. Não tinha nada de concreto contra ele, apenas lhe soava a falso. O sistema informático dava o passageiro como limpo. Mas ele não acreditava. Havia alguma coisa de suspeito nele. O nome – Bengt Jonsson – e a nacionalidade sueca, não serviam para o ilibar da suspeição. A tez magrebina, o olhar gelado, ampliavam-lhe as dúvidas. O guarda de fronteira sentiu uma necessidade irracional de o reter algum tempo, para lhe encontrar algum defeito na história ou na identidade que lhe permitisse retê-lo. Socorreu-se de um questionário para a imigração e estendeu-o ao passageiro, dizendo:

- É preciso responder a algumas questões.

O homem olhou para o monte de folhas e perguntou:

- Porquê?

O guarda de fronteira cresceu para ele e empertigou as palavras:

- Tem alguma coisa a esconder?

O homem encolheu os ombros e respondeu de lado, enquanto preenchia o questionário:

- Não. Nada a esconder. Sou operador de drone.

Empatado o viajante com o inquérito, o guarda de fronteira procurou no sistema informático algum indício que lhe comprovasse as suspeitas. Estava na hora de sair de turno, já vinha ao longe o colega que o iria substituir, apetecia-lhe reter o passageiro mas não encontrava nada errado nele, estava limpo.

O viajante acabou o inquérito e entregou-o. Não havia qualquer motivo para lhe impedir a passagem ou o prender. Contrafeito, o agente entregou-lhe o passaporte e autorizou:

– Passe lá.

O homem avançou, com olhos demasiado irónicos para quem estava sob suspeita. O guarda de fronteira viu-o seguir pelo corredor do aeroporto e correu uma última vez o programa de caça-suspeitos.

De repente, um alerta vermelho acendeu-se: na ementa de bordo, o viajante duvidoso recusara o menu com carne de porco. Em caso de dúvida, o manual anti-terrorismo mandava investigar. Gritou:

– Ei! Espere aí!

Em vão. O homem demasiado suspeito desaparecera. O guarda correu pelos corredores à procura do operador de drone. Havia uma mar de gente cruzando de um lado para o outro a gare do aeroporto, arrastando malas, mas nem sinal do suspeito.

Desalentado e inquieto, seguiu para casa, desejoso de meter a cabeça debaixo do chuveiro para esquecer. Se alguma tragédia acontecesse, não se conseguiria perdoar.

Ao percorrer a pé a última estação do Metro viu a notícia a passar em todos os ecrãs: um atentado terrorista acabara de acontecer. Um assassinato a tiro, um cidadão sueco barbaramente assassinado por uma mulher terrorista. A mulher, baleada pela polícia, também morta. As fotografias da vítima e do algoz. Consternado, verificou que a vítima era o operador de drone e a assassina era a mulher loira de rosto oval.

Chegou a casa e tomou um banho de chuveiro quente, sentindo as agulhas de água a morder-lhe as costas. Apeteceu-lhe mudar de pele, como quem muda de identidade. Adormeceu a pensar em falsas apreciações sobre identidades verdadeiras e juízos crédulos sobre identidades falsas.